

A CULTURA EM TEMPOS DE 500 ANOS DO BRASIL: A HIBRIDIZAÇÃO CULTURAL

CENIRA ALMEIDA SAMPAIO

Bacharel em Comunicação Social – Habilitações em Jornalismo e Publicidade e Propaganda, pela UFPa., Mestre em Administração e Comunicação Rural, pela UFPe., Professora da Universidade da Amazônia-Unama, disciplina Teoria e Técnica de Comunicação Comunitária

A cultura, na contemporaneidade, num momento de economia globalizada, de culturas mundializadas – para Renato Ortiz, de “mundialidade”- e de rápidos avanços tecnológicos em que “o homem-sujeito se vê frente a complexas alterações em seu cotidiano, sendo forçado a buscar novas soluções para a sua existência, modificando hábitos e costumes, está sendo compreendida como a mediadora de todo o processo da comunicação. E, por que não uma comunicação pós-moderna? Nesse contexto, como pensá-la no Brasil ao completar 500 anos de seu descobrimento?

Buscando, primeiramente, um dos mais antigos conceitos de cultura, criado por Taylor (1871), que a define como um “complexo total de conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e quaisquer outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”¹.

Nessa direção, a cultura passa a ter inúmeros significados como por exemplo os que dizem ser parte do ambiente feita pelo homem, herança, tradição social, um modo particular como as pessoas se adaptam ao seu ambiente... a resposta dos homens às suas necessidades básicas, o modo de vida de um povo, o ambiente que os seres humanos, ao ocuparem um território comum, criam em forma de idéias, institui-

ções, linguagens, instrumentos, serviços e sentimentos. Todo esse conjunto de conceitos trazidos pelos estudiosos da cultura nos ajudam a admitir como a cultura é complexa. Frente a essa complexidade, como pensar a cultura dos brasileiros nessas cinco centenas de anos? Considerando que o homem, ao nascer, traz consigo a cultura como herança e começa a receber uma série de influências, a maneira de se alimentar, de se vestir, de falar, de se integrar na sociedade e o papel que exerce nessa mesma sociedade. Como se configura o passado colonial em que se encontram os traços fundamentais que vêm caracterizar a cultura dos brasileiros? Como pensar a transplantação cultural, a alienação e, ao longo do tempo, a implantação de um violento processo de dependência cultural? Referindo-se ao passado colonial do Brasil, diz Paulo Freire que “sem direitos cívicos, o povo foi marginalizado, irremediavelmente impedido de qualquer experiência de autogoverno ou diálogo... predominantemente marcado pela submissão. O povo se ajustou a uma estrutura de vida rigidamente autoritária, a qual formou e fortaleceu uma mentalidade antidemocrática. Freire ressalta a Cultura do silêncio cujo marco de referência para a sua análise do conceito, passa a ser o da teoria da dependência que se encontrava em voga na América latina nos anos sessenta”².

¹ FERREIRA, Maria de Nazaré. Cultura Brasileira. In: MELO, José Maria Marques de; FADUL, Anamaria; SILVA, C.E.L.da. Ideologia e Poder do ensino da comunicação. Contexto Moares – São Paulo-SP, 1989. Intercom. P.258

² O autor explica que desde a conquista, a América Latina é uma terra subjugada. Sua colonização consistiu numa transplantação promovida pelos invasores. Sua população foi esmagada; sua economia se baseava no trabalho escravo (sobretudo dos negros trazidos da África como objetos); era dependente dos mercados externos, estando geralmente sujeita a crises cíclicas. Suas estruturas econômicas, deformadas desde o começo para beneficiar os conquistadores, estavam baseadas em recursos naturais sistematicamente explorados e enviados para os mercados europeus. O controle econômico- social, político e cultural exercido pelas metrópoles- Espanha e Portugal- moldou o caráter agrário e exportador das sociedades latino-americanas, sujeitas a uma oligarquia rural, sempre dependentes de interesses externos. Tudo isso superposto ao povo, encarado como uma massa de nativos (termo dado, sempre no sentido pejorativo) que havia se originado das misturas raciais resultantes da miscigenação. O tipo predominante de dominação econômica determinou uma cultura de dominação que, uma vez, internalizada, condicionada o comportamento submisso.

Particularmente, no Brasil, Freire enfatiza a ausência de uma vida comunitária na experiência colonial brasileira. Apoiando-se na obra de Oliveira Vianna, ele compara a situação do Brasil com as das comunidades agrárias européias (espanholas), nas quais, por meio da participação no poder local, o povo adquiriu uma vasta experiência política. Ele sustenta que o Brasil nunca experimentou aquele senso de comunidade, de participação na solução de problemas comuns, mas se instala na consciência do povo e se transforma em sabedoria democrática.

No nosso tipo de colonização, segundo Freire, à base de grande domínio, de estruturas feudais de nossa economia, no isolamento em que crescemos, no todo-poderosismo dos senhores de engenhos, das terras e das gentes, na força do capitão-mor, dos governadores gerais, da fidelidade da coroa, no gosto excessivo da obediência, nos centros urbanos criados artificialmente, nas proibições à nossa indústria e em tudo o que pudesse afetar os interesses das metrópoles, na força das cidades fundadas no poderio de uma burguesia enriquecida no comércio, enfim, tudo isso representa uma herança colonial que impede, de certa forma, uma cultura participativa dialógica, mesmo nos dias de hoje.

O homem, diferente dos demais animais é o único animal portador de uma cultura e, por isso, é capaz de criar, de inovar, possuir e transmitir. A cultura, já definida como bastante complexa, é formada por um conjunto de elementos inter-relacionados e interdependentes que funcionam, harmonicamente, na sociedade. Os hábitos, as idéias, as técnicas, formam um misto cultural em que se torna possível uma convivência entre diferentes membros da sociedade. Esta é uma das características de muitas sociedades contemporâneas centradas na grande diversificação interna. Há muita diferença, muitas vezes básicas, que decorrem do fato de que a população se posiciona de modos adversos no processo de produção. Há setores que são proprietários de fábricas, fazendas, bancos, empresas

em geral. Por outro lado, há aqueles que constituem os trabalhadores dessas organizações. Ao falarmos sobre classe social, é exatamente essa diferenciação a que nos referimos. Essas classes têm formas de viver diferentes, com problemas heterogêneos na sua vida social. Os trabalhadores rurais não vivem nem pensam como os operários dos setores industriais tampouco dos comerciantes e dos funcionários públicos. Os seus estilos de vida, suas rendas familiares, o seu cotidiano, acesso à escola, aos hospitais, centros de lazer têm caminhos e percursos que podem ser considerados fáceis ou não.

Essas questões levantadas podem construir uma reflexão sobre como tratar a dimensão cultural em nossa própria sociedade brasileira, ao longo dos cinco centenários passados. Fazendo-se um recorte no tempo, do descobrimento do Brasil até a virada do milênio, notamos as pluralidades de valores: o que era e o que é, por exemplo, o casamento, o beijo, o namoro, o amor, as práticas religiosas, o sentido de família, o ser pai e o ser mãe, o respeito à vida e ao próximo, o folclore, o museu, o artesanato, a literatura de cordel, o lugar dos mortos e o próprio sentido de morte – tudo se mistura em busca de uma explicação para todo esse emaranhado de coisas certas e/ou erradas. O valor do ontem, do antigamente, do outrora, do tradicional, não, necessariamente, o é hoje, no agora, no imediato e nem no amanhã, no futuro... quem sabe?

Já dizia Freire, a cultura criada pelos homens através de sua praxis e de seu trabalho é o universo simbólico e abrangente em que eles atuam como seres conscientes. Entretanto, na medida em que os homens em sua relação dialética com o mundo, o transformam, por meio de seu trabalho, são condicionados pelos produtos de sua ação. Assim, ao objetivar o mundo dos homens se objetivam a si mesmos e a cultura surge como uma alienação ou estranhamento do próprio ser que a cria. Essa compreensão prossegue no contexto da comunicação, em que o conceito freireano aponta para a “co-participação dos sujeitos no ato de pensar o que implica numa

reciprocidade, no diálogo, na educação não como transferência de saber, mas um encontro dos sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”³. Daí, os estudos atuais apontarem para a comunicação como um fenômeno indissociado da Cultura a qual deve ser vista como a maior mediadora do processo da Comunicação, pois o desenvolvimento da comunicação numa sociedade é consequência do processo permanente de criação de personalidade e de cultura.

Utilizando-se os conceitos de Antônio Gramsci sobre cultura, a qual está sendo continuada pelos novos teóricos da comunicação os quais erguem suas análises para entender a sociedade atual a partir da cultura, podemos fazer uma nova leitura do povo brasileiro que se revela massivo, heterogêneo, tecnológico, global e consumidor, haja vista a cultura, a identidade, o cotidiano, a ação e a experiência humana apresentarem-se comandadas pela velocidade das comunicações via satélite, pelas redes comunicacionais, pelas descobertas da técnica, por um processo de globalização dos mercados e de mundialização das culturas – questões que se impõem graças à nova “ordem mundial”.

Um dos elementos propulsores de todo o processo cultural, na contemporaneidade, e a questão do popular, trazida por Martin-Barbero; da relação entre as culturas populares e a transnacional – foco de Canclini; ou numa leitura mais diretiva em que os elementos do cotidiano compõem formas mediadoras da recepção dos meios massivos – espaço predominante de Guillermo Orozco. Esses autores têm se preocupado em produzir modelos teórico-metodológicos de compreensão do mundo e, também, em desenvolver formas de atuação nesta nova ordem neoliberal, transnacional e informacional. Canclini, em particular, remete-se, constantemente, à necessidade de se desenvolver políticas culturais que permitam uma realização do exercício da cultura e da cidadania nas distintas classes sociais que formam uma

mesma sociedade, como e caso da cidade de São Paulo onde há comunidades japonesas, italianas, judias, inglesas além dos migrantes de outros lugares do país e dos próprios paulistanos. O Estado do Pará, em nada difere de São Paulo e outros Estados. Temos, como exemplo, a imigração japonesa na Amazônia que se mistura com os índios, os franceses, holandeses, italianos, entre outros povos, cada um com seus hábitos, costumes, modo de pensar, de se expressar na sua linguagem. Da mesma forma os holandeses e os negros no Nordeste e assim por diante.

Nessa direção, começa-se a entender a questão cultural brasileira, a partir dos nativos, da sua medicina caseira, dos seus cosméticos, da sua arte, da sua dança, da sua sabedoria empírica. Por outro lado, hoje, o que se vê, são as formas de consumo, a cotidianidade, o imaginário e a memória popular, a mestiçagem ou hibridiz cultural, a pluralidade cultural, a cultura massiva, a relação popular/ massivo, as identidades, as práticas comunicativas e nesta, especialmente, o processo de recepção/ decodificação dos meios massivos pelos brasileiros.

Num mundo tecnificado e informatizado pelos participantes da cultura hegemônica, como o homem e a mulher brasileira, particularmente, os nativos produzem e reproduzem a sua cultura? Com que elementos, ou de que maneiras aceitam e incorporam ou contestam e rejeitam os objetos tecnológicos? De que forma consomem as mercadorias e os hábitos criados para serem consumidos em massa? Como esse novo sujeito histórico, nesses 500 anos de descobrimento do Brasil – aquele indivíduo moderno e pós-moderno em seus hábitos condicionados pela técnica, pelos meios de comunicação de massa, pela velocidade e superposição de acontecimentos- permanece manifestando-se socialmente, em seus ritos, crenças, magias e formas de linguagem? No relacionamento em si, com a natureza, com o cosmo?

³ LIMA, Vinícius Artur de. Comunicação e Cultura. As idéias de Paulo Freire. Paz e Terra. São Paulo. 1984.166p.

Todas essas questões vêm tomando espaço no mundo, na América Latina e, particularmente, no Brasil, a partir do movimento da cultura popular nas décadas de 1950/60 para as camadas sócio- econômicas desfavorecidas ganhando aspectos práticos com Paulo Freire. Esse educador desenvolveu metodologia de alfabetização de adultos, aplicada ainda hoje, principalmente no interior do país, além de trabalhar com valores inerentes às camadas populares. O Movimento no Brasil tinha como premissa destacar a condição de sujeito nos homens e mulheres e, para tanto, procurava não fornecer produtos acabados a sua clientela, mas criar meios para que os indivíduos assumissem valores e não simplesmente os consumissem.

O movimento de Educação Popular foi uma das numerosas formas de mobilização de massas adotadas no Brasil. É possível registrar diversos procedimentos de natureza política, social e cultural de mobilização e de conscientização de massas, a partir da crescente participação popular por meio do voto (participação geralmente dirigida pelos líderes populistas) até o movimento de cultura popular organizado pelos estudantes. É conveniente mencionar a este propósito, o esforço de crescimento do sindicalismo rural e urbano: em doze meses foram criados mais de 1300 Sindicatos Rurais; as greves de trabalhadores em 1951, reuniram cerca de 85.000 grevistas, chegando a 230.000⁴ - para ter a real dimensão dada ao tema.

Porém, o Movimento Popular foi sufocado pelos governos ditatoriais e pelo sistema capitalista, cujos objetivos entravam em choque com os ideais de cidadania, política e cultura dos defensores da cultura popular. Muitos dos estudiosos, participantes e simpatizantes do Movimento foram exilados ou presos, e o trabalho de conscientização e auto-valorização que se pretendia com os grupos populares se inviabilizou. Um exemplo do combate governamental ao Movimento foi a implantação do projeto SACI/

ENERN⁵ no Rio Grande do Norte – Estado em que o método de Paulo Freire obteve maior sucesso na década de 60. Jamais se chegou a alcançar a tão sonhada participação real e democrática do povo na elaboração de uma Cultura Planejada e, ao mesmo tempo, baseada na vida cotidiana e concreta dos brasileiros.

Retomando a questão conceitual, Freire considerava Cultura como um resultado da ação humana, do esforço humano de criar e recriar, de transformar e de se relacionar, dialogicamente.

Na contemporaneidade, a cultura se identifica como desvinculada da idéia de nacional, de tradicional, de autêntico, interno, completamente endógeno. Essa identificação nos remete aos fatores que aparecem como novas variáveis da realidade, como a produção e o consumo em massa e, também, dos bens culturais; o fortalecimento e a expansão dos meios de comunicação de massa, a propagação do modelo urbano de vida; a massificação e popularização dos produtos culturais “ das elites”; a globalização econômica e a mundialização da cultura; a aceleração do ritmo de vida provocada pela eletrônica e pela informática, a desterritorialização dos indivíduos, dos grupos e das nações.

Já na década de 30, Walter Benjamim perguntava “qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós”⁶? Apesar de esbarrarmos em tantos fatores potencialmente destrutivos da constituição humana, em particular do indivíduo brasileiro, em se tratando da cultura, precisamos tentar analisá-los numa perspectiva não meramente pós-moderna, mas sobretudo de transição. Dessa forma, se o homem brasileiro, por exemplo, imprime à vida um ritmo cada vez mais rápido e intenso, assumindo um compromisso com o imediato, ele poderá estar se apoderando de seu potencial de existência, libertando-se de certas limitações fabricadas também, historicamente,

⁴ FREIRE, Paulo. Conscientização São Paulo : Moraes, 1980, p. 16-17 In: Spenillo, G.M.D. 1998, p.15

⁵ SACI/ENERN – Satélite Avançado de Comunicações Interdisciplinares/ Experimento no Estado do Rio Grande do Norte. Para mais informações, ver CHAUI, Marilena. Conformismo e resistência. São Paulo: Brasiliense, 1984.

⁶ BENJAMIM, Walter. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.115

procurando enfrentar os desafios da vida, como ser animado que é. Isso, porém, requer do ser brasileiro uma adaptação equilibrada com seus símbolos milenares, seus arquétipos⁷, seus códigos e formas de decodificação, suas linguagens, seus mitos e crenças, suas manifestações artísticas que até hoje vêm fazendo dele um ser sociocultural com uma nova simbologia e forma de linguagem exigidas pela tecnologia e pela informática.

Em síntese, acreditamos que os efeitos e mudanças, bem como as profundas transformações sociais, Econômicas e políticas ocorridas no Brasil, nesses 500 anos de seu descobrimento, provocadas pela ordem pós-moderna, pela tecnocracia, trazem igualmente conseqüências negativas e positivas nos mais diversos segmentos da sociedade.

Se vivenciamos, hoje, a perda do sentido, a desconstrução da História, o fim das narrativas, a fragmentação social e o isolamento do indivíduo brasileiro, podemos, também, vir a experimentar uma verdadeira transformação de nossos conceitos de modos de vida, passando pela revolução tecnológica da informática e uma concepção profundamente ecológica e humana da vida dos brasileiros; uma nova fase da história da cultura latinoamericana na qual está implícita a do Brasil, denominada por Canclini de Hibridização Cultural⁸. Esta é a forma como estamos tentando compreender a cultura dos brasileiros nos seus 500 anos.

BIBLIOGRAFIA

CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas Híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad Buenos Aires:Editorial Sudamericana – História e Cultura, 1995, 362p.

CHAUÍ, Marilena. Conformismo e resistência. São Paulo:Brasiliense, 1984.

FERREIRA, Maria de Nazaré. Cultura Brasileira. In: MELO, José Maria Marques de; FADUL, Anamaria; SILVA, C.E.L. da. Ideologia do ensino da comunicação. São Paulo-SP: Contex & Moraes, Intercom, 1989, p. 258.

FREIRE, Paulo .Conscientização. São Paulo: Moraes, 1980, p. 16-17 Apud: SPENILLO, Giuseppa Maria Daniella. Lazer e Comunicação na Era da Informática: Interpessoalidade ou automatismo? Um estudo de caso entre os assentados do projeto Brígida. Dissertação (Mestrado em Administração e Comunicação Rural) Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife-Pe.1998, 166p.

LIMA, Vinícius Artur de. Comunicação e Cultura . As idéias de Paulo Freire. São Paulo-SP: Paz e Terra, 1984, 166p.

SAMPAIO, Almeida Cenira. Comunicação e Reconversão Cultural- estudo de recepção da proposta de parceria da Embrapa pelos pequenos produtores rurais da Comunidade de São Tomé do panela, Irituia-Pará. Dissertação (Mestrado em Administração e Comunicação Rural) Universidade Federal Rural de Pernambuco- Recife-Pe. 1998, 203p.

SPENILLO, Giuseppa Maria Daniella. Lazer e Comunicação na Era da Informática: Interpessoalidade ou automatismo? Um estudo de caso entre os assentados do projeto Brígida. Dissertação (Mestrado em Administração e Comunicação Rural) Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife-Pe.1998, 166p.

⁷ Modelos de seres criados; padrão; exemplar.

⁸ CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas Híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad Editorial Sudamericana – História e Cultura. Buenos Aires, 1995.362p. – O autor explica o hibridismo cultural no sentido de que a cultura deve ser vista como um tipo particular de atividade produtiva, cuja finalidade é compreender, reproduzir e transformar a estrutura social e brigar pela hegemonia ou seja, a produção de fenômenos que contribuem mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou ainda, a cultura diz respeito a todas as manifestações e práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação de sentido. Portanto, o estudo das bases culturais heterogêneas e híbridas permitem compreender os diversos sentidos da modernidade não só como simples divergências entre correntes mas também como manifestações de conflitos culturais.